

REVISTA “ITAYTERA”, NATUREZA E CARIRI CEARENSE: A (RE)INVENÇÃO DE UMA IDENTIDADE (1955-1980)

JANE D. SEMEÃO E SILVA*

O ano de 1955 representou um grande marco nas ações empreendidas pelos intelectuais congregados em torno do Instituto Cultural do Cariri¹, sediado na cidade do Crato-Ce, e seu projeto de “valorização do Cariri” com a publicação do primeiro número da revista *Itaytera*. Apesar dos idealizadores do Instituto terem eleito uma série de medidas para atingir tal objetivo, a referida revista, que “nasce com programa definido: o da defesa intransigente da região caririense” (ITAYTERA, 1955, p.02), tornou-se o principal veículo divulgador e propagador desse projeto:

O coração, no entanto, de todo o Instituto Cultural do Cariri é a revista ITAYTERA que entra agora em seu sétimo ano. É a força propulsora de nosso movimento cultural, que dificilmente, nesse particular, encontra outro lugar que supere Crato em toda a interlândia nordestina. São as páginas da revista que atraem as simpatias unânimes para as realizações do Instituto (ITAYTERA, 1961, n^o VII, p.2).

Publicada anualmente, *Itaytera* circulou, graças aos esforços de sócios e colaboradores, até o ano de 1999 como porta-voz dos desejos e anseios dos membros daquela instituição. Impressa na própria região e composta em sua quase totalidade por escritos de intelectuais locais (políticos, advogados, médicos, jornalistas, engenheiros agrônomos, artistas, literatos, historiadores e representantes da Igreja Católica), sócios ou não do ICC, a revista, classificada por seus organizadores como de “caráter cultural”, surgiu como idéia dentro do próprio projeto de criação do Instituto.

* Professora do Departamento de História da URCA. Esse artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC-URCA) intitulado “O Instituto Cultural do Cariri e a (re)invenção do espaço caririense (1950-1980)”, ora em desenvolvimento. Contato: janesemeao@globocom.com

¹ O Instituto Cultural do Cariri, “sociedade civil” criada em 1953, “tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri” (ITAYTERA, 1955, p.181). Embora atuante até hoje, as três primeiras décadas de seu funcionamento correspondem ao período de maior efervescência política e cultural de seus sócios e colaboradores.

Ao analisarmos seus Estatutos, observamos que dentre as ações propostas por seus acadêmicos como forma de cumprir os fins a que se destinou está justamente a criação de uma revista “em que se publiquem trabalhos dos sócios e colaborações de estranhos” (ITAYERA, 1955, p. 181). Em relatório publicado no primeiro número da revista divulgando os assuntos debatidos pelos sócios do ICC em suas reuniões e as medidas tomadas no ano de 1954, ela aparece como destaque e nome já definido (ITAYTERA, 1955, p.167).

Antes mesmo de sua materialização, portanto, a revista pré-figurava como importante mecanismo no programa do ICC para a consolidação de seus objetivos concernentes “a valorização do cariri”. Nesse sentido, não apenas seus sócios e colaboradores eram filhos da região como os assuntos tratados se relacionavam diretamente aos propósitos que nortearam a criação do Instituto, o “estudo das ciências, letras e artes em geral, e, especialmente, da História e da Geografia Política do Cariri” (ITAYTERA, 1955, p.181).

Lançada como “Órgão do Instituto Cultural do Cariri”, *Itaytera* assumiu, ao longo de décadas, importante papel político e cultural no cenário local expressando projetos e anseios de seus organizadores e colaboradores para a região. Ao tomar como tarefa a valorização e defesa do Cariri, seus idealizadores, em sua maioria representantes da elite intelectual cratense e de destaque no panorama político da cidade, congregaram forças e ações em torno do projeto de (re)pensá-lo a partir de idéias e ideais almejados de elevação cultural, intelectual e econômica da região.

Ao assim procederem, colocaram em circulação discursos e imagens que atribuíam a esse espaço e seus habitantes determinados sentidos, significados que tanto objetivavam construir uma diferenciação quanto uma identificação geográfica, cultural e histórica da região em relação ao restante do Ceará e mesmo do Nordeste. Dessa forma, e embora dividindo espaço com outros impressos entre jornais e revistas durante a época aqui abordada, *Itaytera* se firmou como *locus* primordial na promoção, (re)invenção e divulgação de discursos e imagens sobre a região, expressando as percepções de seus filhos ilustres que marcaram a constituição de uma determinada identidade caririense.

O texto que apresentamos, parte de nossa pesquisa sobre o Instituto Cultural do Cariri e de sua atuação para a (re)invenção imagético-discursiva da região, se propõe a

fazer uma discussão acerca da *natureza* como um dos elementos definidores de uma identidade para o Cariri a partir da análise da revista *Itaytera*. Para tanto, analisamos as representações e discursos produzidos e veiculados nas páginas da revista que abordam a relação natureza-Cariri.

“ITAYTERA”, NATUREZA E IDENTIDADE DO CARIRI CEARENSE

Desde os primeiros relatos de viajantes e estudos científicos sobre o Ceará até a data de lançamento da revista pelo ICC, o Vale do Cariri e a Chapada do Araripe figuram com destaque quando comparados a outras regiões. Em “Memoria sobre a capitania independente do Ceará grande”, supostamente escrita em 1814 por Luiz Barba Alardo de Menezes, seu governador entre os anos de 1808-1811, lemos logo no primeiro parágrafo de sua descrição da “Villa do Crato” que “as suas preciosas nascentes de águas a fazem muito procurada dos povos nas ocasiões da secca[...]” (1997, p.48). O mesmo nos diz Silva Paulet em sua “Descrição geografica abreviada da Capitania do Ceará”, publicada entre os anos de 1811-1820, quando se refere a “esta villa” como “a mais produtiva por estar situada nas fraldas da Serra-Grande, ahi denominada Araripe, aonde há muitas vertentes, mais ou menos abundantes” (1997, p.25).

O naturalista João da Silva Feijó, que veio para o Ceará em 1799 como sargento-mor de milícias e engenheiro da capitania, em princípios do século XIX escreve que “o Paiz dos Caririz, Termo da Villa do Crato, he tão fértil, que permite a cultura dos vegetaes em todas as estaçoens pela exhuberancia de agoas de rega” (1997, p.370). George Gardner, botânico inglês que visitou a região no ano de 1838, admirou-se com a “riqueza da paisagem, tão diferente de quanto, havia pouco, houvera visto [...]”, e com “a grande fertilidade desta parte do sertão” em função de suas “numerosas fontes” (p.92 e 95).

Percorrendo a produção historiográfica do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, criado em 1887, também encontramos ressaltado esse aspecto da região. Seus historiadores, ao empreenderem esforços no sentido de demarcar as fronteiras internas do Ceará, trouxeram para primeiro plano, além das questões

históricas e culturais, as particularidades de suas paisagens². Assim é que Paulino Nogueira (1887, p.225), ao fazer um levantamento de rios, serras, vilas, lagoas, vales, plantas, aves e frutos de nomenclatura indígena, trazendo a conhecimento a diversidade da natureza e espaço cearenses, se refere ao Cariri quando explica o significado do vocábulo “Araripe”:

serra; a chapada é secca e summamente fresca, abundante d’agua em suas faldas e sobpés, donde correm abundantes arroios, que utilizam todo o extenso Valle do Cariri. Todo esse terreno é bem cultivado, produz canna, legumes, mandiôcas e algum café: e passa sinão pelo terreno mais fertil da Província, pelo mais extenso, pelo que offerece mais proporções para desenvolvimento da cultura.

A produção literária e historiográfica produzida na própria região e anterior a publicação de *Itaytera*, também colocava em evidência a região do Cariri a partir de seus aspectos naturais. O poeta cratense José Carvalho que em 1919 se encontrava no Pará, ao falar da saudade de sua cidade natal ao jornal “O Araripe” rememora a chapada como:

*Serra, azul, do Crato, Araripe imortal, eu de ti me lembro com saudade, e, de longe, embora, te saúdo e proclamo bendita!
Bendita, sim! Porque abres os teus seios fecundos, desabrochados em fontes daguas cristalinas e perenes que descem cantando entre os seixos das ravinas e vão regar e fecundar as terras abençoadas dos teus pendores (ITAYTERA, 1955, p.97).*

Irineu Pinheiro, um dos fundadores do ICC e importante nome da historiografia local, após relacionar os municípios que compreendiam o Cariri em sua obra “O Cariri, seu descobrimento, povoamento, costumes”, traz logo em seguida um dos diferenciais da região em relação aos territórios vizinhos, “sua vegetação sempre verde e suas águas perenes” que, de acordo com o autor, “contrastam singularmente com os sertões semi-áridos que o circundam”. Por isso, “é verdade podermos considerar o Cariri uma zona à parte no interior do nordeste” (1950, p.7). Por essa sua característica própria, e

² De acordo com Oliveira (2001, p.91): “Juntamente com a questão dos limites externos, as peculiaridades das paisagens cearenses também foram firmadas. Nesse sentido, ao oferecerem os elementos das origens históricas das regiões e municípios, esses historiadores contribuíram para uma demarcação de “fronteiras internas” da paisagem cearense. Cariri, Ibiapaba, Apodi, Inhamuns, vale do Jaguaribe se tornaram paisagens construídas a partir das referências históricas das origens, marcadas e entendidas nos seus territórios pelos estudos históricos – uma constelação de identificações atribuídas pela historicização dos aspectos naturais e históricos”.

“parodiando o historiador grego, poderíamos dizer que o Cariri é um presente da chapada do Araripe e caririenses os que lhe bebem as águas das nascentes, as quais, em número de cento e tantas, originaram as cidades do extremo sul do Estado e as têm feito progredir” (Idem, p.21).

Como podemos perceber, desde pelo menos princípios do século XIX, e especialmente a partir da produção científica do Instituto Histórico do Ceará³, um discurso de diferenciação referendado nas paisagens caririenses a muito era corrente dentro e fora da região constituindo-se, ao longo do tempo, em uma de suas características identitárias. Como se inseriu, nesse contexto, a revista *Itaytera*? Que papel exerceu no estabelecimento da relação natureza-identidade para o Cariri e seus habitantes?

Nas páginas da revista a referência a paisagem natural como fator singularizador do Cariri foi retomada, compondo o discurso imagético-discursivo de seus intelectuais sobre a região. Ao lado dos aspectos históricos e culturais, a natureza foi apropriada como um dos referenciais que a particularizava e, nesse sentido, constituidora da identidade caririense.

O próprio nome dado a revista pelo então vice-presidente do Instituto Cultural do Cariri, Pe. Antonio Gomes de Araújo, e justificado logo na capa do primeiro número, traz essa relação de identificação:

È uma corrução visível (Batateira) do termo Itaytera, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: Ita, pedra, Y ou Yg, água, têra, por entre, isto é, água que corre, precipitando-se por entre pedras (ITAYTERA, 1955).

Ao colocarem em primeiro plano um dos elementos de destaque na diferenciação do Cariri em relação ao restante do Ceará e Estados vizinhos, a chapada

3 O empreendimento levado a cabo pelos historiadores dessa instituição de olhar para dentro do Ceará com o intuito de definir suas particularidades históricas, geográficas e culturais, fazia parte do esforço de construção de uma narrativa histórica que o inserisse nos quadros da história nacional. Nesse contexto, portanto: “As delimitações de uma particularidade local e regional para o Cariri tiveram lugar a partir desse debate da cultura histórica do século XIX no Ceará. Não apenas o Cariri, mas as diferentes regiões do Ceará foram escrutinadas por essa crítica histórica cientificista, que visava a definição de uma representação comum do Ceará diante da nacionalidade, e que tinha a necessidade de integrar as particularidades históricas em uma representação coesa da história do Ceará. O consenso não foi construído facilmente. A invenção do Cariri na historiografia e nas tradições do Ceará resultou, no final do século XIX, de um amplo debate sobre o lugar que a ocupação da região teria tido na primazia da colonização do ceará” (OLIVEIRA, 2008, p.422).

Araripe com sua natureza e clima generosos, e recuperando a denominação indígena para o rio, seus organizadores assumiram e puseram em circulação no batismo da revista essa referência à construção identitária da região a partir das particularidades de sua natureza.

Embora existam algumas discordâncias quanto ao significado da palavra, houve quem traduzisse por “rio cuja água mana de pedra” ou “pedra d’água”, a opção por um “símbolo da pujança da natureza caririense” (Idem, p.02) não só representou o esforço e desejo dos membros do ICC, traduzidos na revista, em trabalhar pelo engrandecimento e destaque da região, como também a relação intrínseca entre paisagens naturais e identidade caririense.

A denominação também se transformou em metáfora para se referir a intelectualidade local, pois se o rio, ao banhar o vale do Batateira, tornava mais fértil, mais fecunda essa parcela de terra em relação ao restante do Cariri, a revista representaria o húmus que alimentaria com a cultura de seus intelectuais a região. Se o rio foi considerado a imagem da “pujança da natureza caririense”, “Itaytera é o símbolo da opulência intelectual do Cariri” (ITAYTERA, 1956, p.112).

O conteúdo da revista, durante o recorte temporal selecionado, traz inúmeras poesias de sócios e colaboradores que de forma literária cantam as belezas naturais de seu “rincão”, evidenciando uma relação afetiva com o mesmo:

*O frio faz tremer e a terra envolve tudo!
Uma gaze nupcial, esbranquiçada e leve,
Cobre as casas, a mata e a serra de veludo,
Numa transmutação que poeta algum descreve
[...]
Mais tarde surge o sol e tudo se ilumina!
De neve a luz não deixa a mais tênue cortina,
Que manche o resplendor da esmeralda da serra! (ITAYTERA, 1955, p.48)*

Sócio fundador e membro da Comissão de Organização da revista durante muitos anos, José Alves de Figueiredo Filho, numa poesia intitulada “No Crato”, demonstra seus sentimentos em relação a chapada quando na última estrofe diz: “Ó quanto é doce contemplar o dia/A despertar em hinos de alegria/Neste *jardim da terra de Iracema*” (1957, p.47, grifo nosso). A mesma reverência a natureza encontramos em “Gleba Alcantilada”, poesia de José de Moraes Holanda (ITAYTERA, 1961, p.59):

*No crisol da manhã, para o levante,
Quando a luz carrega e trama o dia
Pela imensa rota do mundo em massa,
A natureza desperta e regurgitante
De vida e seiva se inflama e traça
Eclosões de esplendor e policromia
Por todo o extenso vale verdejante*

As poesias publicadas pela revista *Itaytera* em que a natureza da região é contemplada em seus versos, não apenas atendia aos objetivos dos intelectuais responsáveis pela publicação da revista, qual seja, o de incentivo e divulgação das artes, como também contribuía para a (re)invenção, sedimentação, perpetuação e circulação de uma identidade caririense intrinsecamente relacionada às suas paisagens naturais. Mesmo aquelas que não têm como tema central a chapada ou algum aspecto da natureza local, quase sempre trazem uma referência substancial às particularidades da natureza do Cariri. Podemos perceber isso, por exemplo, na poesia de Lígia Aires de Alencar, que embora tenha como personagem principal a cidade de “Jardim”, título de sua poesia, realça as belezas do município a partir da natureza em seu entorno (1978, p.130):

*Tu que transpões a serra magestosa,
Fitando, ao longe, minha terra amada,
Vê que entre todas é a mais formosa,
Mais pitoresca, mais aprimorada.*

*Vê que paisagem viva e graciosa,
De verde-negro e claro matizada,
Nas manhãs estivais, esplendorosa
De sol, de muito sol iluminada.*

*O artista supremo ao esboçá-la,
Com desvelo esmerou-se por torná-la
Dentre todas, prendada, mais e mais.*

*Deu-lhe prados e matas e colinas,
Deu-lhe fontes de águas cristalinas,
Deu cor mais bela aos seus canaviais.*

Partindo do entendimento de que paisagem não é apenas um espaço físico sobre uma determinada área da superfície terrestre, mas também representações construídas a partir de sua visualização e da cultura (BONATO, 2010), é que podemos afirmar que essas poesias, mais do que escritos que informam sobre características da natureza local, constituem seus sentidos, significados. Representada e simbolizada em versos, a

paisagem natural é transmutada em paisagem cultural a partir das percepções e vivências de seus autores, pois, como nos diz Bonato, “concebe-se e se representa a paisagem, representação que interfere na concepção, e assim por diante. A representação da paisagem é feita a partir da tríade real-percebido-imaginário, ou, pode-se pensar ainda, através da experiência, percepção e representação” (Idem, p.226).

O verde da floresta, o clima ameno, a terra fértil em função de suas várias nascentes, a névoa que cobre parte de sua colina logo ao amanhecer, qualidades distintas preexistentes aos próprios moradores da região, transformam-se em paisagem representada e simbolizada pelas expressões: serra azul, paraíso terreal, jardim de Iracema, oásis cearense, esmeralda, selva/vale/ilha verdejante, canaã, entre outras.

Além das poesias, matérias que direta ou indiretamente dão visibilidade, reproduzem e (re)constróem uma identidade caririense referenciada na relação entre paisagem natural e os filhos desse “torrão” aparecem em todos os números de *Itaytera*. Otacílio Anselmo e Silva, por exemplo, abre o primeiro capítulo de “A história do Padre Cícero”, intitulado “O meio”, ressaltando as especificidades da natureza local comparada às de outras regiões (ITAYTERA, 1959, p.107 e 108):

O Cariri, cuja área territorial abrange vinte municípios da região meridional do Ceará, é um contraste surpreendente na paisagem comburida do Nordeste. Pela sua configuração fisiográfica, fertilidade do solo e amenidade do clima, é a antítese da vasta zona que o circunda, verdadeiro oásis cujas terras verdejantes têm sido, no decorrer dos tempos, refúgio e asilo dos fugitivos das secas periódicas. A sua dessemelhança com as terras áridas do sertão provém da Serra do Araripe, singular montanha de formação arenítica, de cuja base brotam fontes perenes que irrigam os sítios adjacentes e que outrora banhavam os vales.

Para o autor esse aspecto da natureza do Cariri representaria seu grande diferencial em relação a outros territórios, pois “a excessão da exuberância prodigiosa de suas terras, o Cariri apresenta as mesmas características das outras regiões nordestinas, onde a civilização nasceu e evoluiu através de cruentas e contínuas lutas, ora em defesa da propriedade, ora pelo domínio político” (Idem, p. 109).

Ao iniciar sua matéria sobre “Possibilidades econômicas do Cariri”, em que demonstra as potencialidades da região justamente em função da riqueza e fertilidade de sua natureza, Antonio de Alencar Araripe, então Deputado Federal pela UDN do Ceará,

também se apropria e reproduz esse traço da paisagem natural de sua terra natal (ITAYTERA, 1959, p.152):

O clima nas montanhas (Araripe, Caririassú, Jardim) é suave, desce a 14 graus de maio a junho e permanece em 20 graus no estio. Nas encostas o clima sobe a mais de 30 graus no período de maior elevação do termômetro.

O Cariri figura entre as áreas do Ceará de maior pluviosidade, pois a média anual das chuvas que ali caem se eleva a 1.000 milímetros.

Apontam-se a chapada do Araripe e o rio São Francisco como os dois fenômenos mais impressionantes do sertão.

São os seus dois maiores acidentes geográficos, os “expoentes máximos da natureza de toda a região”.

Arrojado Lisboa classificou o Araripe entre o que há de melhor entre os melhores trechos do nordeste”.

Ao escrever “Cariri sob diversos aspectos”, J. Lindemberg de Aquino, logo após inventariar os municípios que formavam a “área caririense” nos dois primeiros parágrafos de seu escrito, igualmente traz em destaque essas construções discursivas e imagéticas acerca da natureza da região. Para tanto, retoma as palavras de J. Figueiredo Filho, tiradas do livro “Engenhos de rapadura no Cariri” de 1958:

O Cariri [...] é o verdadeiro oásis cearense, como muitos o denominam. É uma ilha verdejante, cercada da zona sertaneja criadora. No tempo da estiagem é que o contraste da natureza se torna bem flagrante. Dos pés de serra do Araripe brotam dezenas e dezenas de fontes perenes, que derramam a fertilidade na região (FIGUEIREDO FILHO apud AQUINO, 1971, ITAYTERA, p.84).

Matérias sobre sua flora (QUEIROZ, “Piqui”, 1957, p.217-218; MARTINS, “Nome de algumas árvores no Tabuleiro e na Serra do Araripe”, ITAYTERA, 1961, p.201), seu solo (TAVORA, “Chapada do Araripe”, ITAYTERA, 1963-1964, p.31 e 32), seus fósseis (FIGUEIRÊDO FILHO, “Representantes fósseis da fauna paleontológica, em nosso museu”, ITAYTERA, 1959, p.3-6 e 8), entre outras publicadas ao longo do período aqui abordado, também contribuíram para dar visibilidade a essa singularidade da paisagem local (re)inventando-a, tanto aqui quanto alhures⁴, como parte da identidade dos caririenses.

⁴ *Itaytera* era distribuída para várias instituições de cultura do Ceará e de outros Estados e até mesmo para fora do país (como para a Biblioteca do Congresso de Washington, a Biblioteca Pública de Nova York e a The General Library of California). Seus organizadores também não perdiam a oportunidade de publicar cartas de agradecimento pelo envio da revista nem de elogios a ela endereçados por pessoas de destaque no cenário nacional.

A importância da chapada para a sociedade, economia e cultura da região que os sócios e colaboradores da revista procuraram demonstrar ao longo de suas várias páginas entre os anos de 1955 e 1980, pode ser traduzida nas palavras de J. Lindemberg de Aquino quando este diz que: “existe tão notável simbiose entre a Serra do Araripe, ou chapada ou planalto do Araripe, e a região do Cariri, que esta desapareceria, se não existisse aquela. O Cariri é resultante da Serra [...]” e o caririense, ainda de acordo com o autor, “é ciente do valor dessa serra e da importância que ela representa na vida da região” (ITAYTERA, 1971, p.84 e 85).

Expressão do valor atribuído a essa relação encontramos, também, na publicação de textos que discutem a importância da criação da Floresta Nacional Araripe-Apodi para a sobrevivência de aspectos da economia e cultura locais. O engenheiro agrônomo Antonio Alves de Queiroz, após uma explanação sobre a exploração “criminosa das florestas nordestinas” na matéria de título “Em defesa das florestas” (ITAYTERA, 1955, p.160), aprovou com louvores a decisão do governo federal de criar em 1946:

a Floresta Nacional Araripe-Apodi com o fim de promover, precipuamente, a perpetuação e o desenvolvimento da reserva florestal, de modo a torná-la uma fonte de matéria prima, para atender as necessidades da região onde encravada; do mesmo modo, sua finalidade está em íntima coordenação para proteção de nascentes d'água, conservação da fauna, localização das pastagens para criação, além de promover facilidades de recreação pública.

A denúncia e preocupação com a destruição da chapada também esteve presente em algumas das poesias e matérias veiculadas em *Itaytera*, chamando a atenção de seus leitores para a necessidade de sua preservação. Otacílio Anselmo e Silva, no mesmo texto em que se refere ao Cariri como “oasis verdejante do sertão”, condena a devastação que estaria acontecendo na serra desde a colonização: “Assim, exposta a voracidade do fogo e da crueldade do lenhador, a Serra do Araripe perdeu o seu esplendor primitivo, não só com relação à flora, mas à sua variedade fauna” (ITAYTERA, 1959, p.109). Lamenta então o autor o fato da criação da Floresta Nacional Araripe-Apodi não ter tido, até então, surtido efeito para frear seu desmatamento. Na revista do ano de 1974, Jósio de Alencar Araripe também coloca em discussão o uso predatório da chapada em “Potencialidade econômica do Cariri”, afirmando como resultado que: “A paisagem desoladora do sertão, causticado durante

meses seguidos de sol intenso, vai aos poucos tomando conta do Cariri, onde o deserto já penetra fundo, quase até as encostas da Chapada do Araripe, restringindo os limites do oasis verdejante que se estendia por toda a região” (1974, p.175). Uma das soluções apontadas por ele para reverter tal quadro seria proceder a “um trabalho de recuperação” em “todo o sopé da serra, cujo solo vem sofrendo intenso desgaste pela ação das águas” (Idem, p.176).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, portanto, ao consultar as várias poesias e matérias que direta ou indiretamente trazem em seu corpo as paisagens naturais do Cariri, que elas expressam mais do que uma relação funcional dos filhos da região com a chapada e uma preocupação de classificação e análise de seu solo, fauna e flora. Ao publicarem trabalhos de sócios e colaboradores que, a partir de seus campos de competências e sob diversas formas, davam visibilidade às belezas e benesses da natureza na qual estavam inseridos, os intelectuais reunidos em torno da revista *Itaytera* procuraram dar conhecimento aos leitores desse aspecto particular da região como instituidora de uma identidade caririense.

Se voltarmos à obra de Irineu Pinheiro, citada páginas acima e escrita antes da fundação do Instituto, veremos que um sentimento de diferenciação dessa parte do território cearense em função de suas características naturais já era compartilhado entre seus habitantes. Ao afirmar poder ser o Cariri considerado uma “zona à parte no interior do nordeste”, o autor nos fala que isso pode ser entendido:

Em virtude de um certo orgulho nativista, talvez por que o termo sertão lhes dê a idéia de zona seca e estéril, acham que sua terra, muito bonita e fértil, não deve incluir-se naquela designação. O Cariri é lindo e rico, não pode ser sertão.

Ufanam-se de suas águas correntes, suas paisagens verdejantes nos mais rigorosos estios, suas fruteiras, seus brejos, o habitat, por excelência, da cana de açúcar, suas palmeiras erectas como sentinelas em tôrno de suas cidades e vilas, etc (1950, p.7).

Uma geografia afetiva com a região, construída a partir de suas belezas naturais e da fertilidade que brota de seu solo, pode ser encontrada em algumas recordações escritas no início do século XX e publicadas na própria revista. Entre elas, também já

citada, está a do poeta José de carvalho, que ao recordar sua infância e mocidade na cidade do Crato se refere a chapada como “serra bendita entre todas as serras, vestida com o teu manto verde-azul de esmeraldas, mãe prolifera das Fontes, és tú que alimentas a vida e geras a felicidade e a paz de todas as gerações do teu povo” (ITAYTERA, 1955, p.97). Em 1900 a poetisa Maria Arnaldina, ano em que se mudou para Exu, cidade de Pernambuco, escreveu “Saudades do Cariri” ressaltando logo no início de sua poesia as lembranças da serra: “Eu tenho imensa saudade/De todo meu Cariri/Das serras, montes e vales/Onde canta a juriti/Das belas inspirações/Que sempre senti ali [...]” (ITAYTERA, 1959, p.195).

Na estrofe seguinte:

*Tenho saudade do rio,
De seu murmúrio queixoso
Das águas limpas e puras
Como cristal primoroso,
Fertilizando o solo
De um manto luxuoso
Vegetação encantada,
Que torna um povo ditoso.*

Publicando trabalhos coetâneos à circulação da revista quanto anteriores a ela, seus organizadores não só realçaram e deram visibilidade a uma identidade caririense referenciada em sua natureza, a partir de representações que circulavam e que a constituíam enquanto paisagem cultural, como também, no mesmo movimento, contribuía para sua (re)invenção.

A criação do Instituto Cultural do Cariri e o lançamento de “seu órgão oficial”, para uma melhor compreensão do que aqui afirmamos, representaram a consolidação de interesses, anseios e ideais que já circulavam e provocavam ações em torno do desejo de dar visibilidade ao Cariri a partir do que foi considerado como suas particularidades no que diz respeito a sua natureza, cultura e história. Associados, esses “especialistas da produção cultural” (CORTEZ, 2000) e a sociedade civil em torno da qual se agremiaram assumiram papel fundamental na (re)invenção e legitimação de discursos e imagens atribuidores de significados para o Cariri. Esse projeto pode ser percebido tanto nas finalidades propostas pelos sócios do Instituto e nas ações programadas para cumpri-las, como nos discursos veiculados pela revista *Itaytera* ao longo de décadas.

Ao conclamarem pela “valorização do Cariri”, inseriram tal projeto como parte de uma luta maior: a “valorização do interior”. As justificativas para empreendimento de tamanha envergadura eram: 1- combater o progresso que adentrava pelo interior ameaçando tradições culturais e costumes que representavam “as verdadeiras raízes da nacionalidade”- provocando, paralelamente, o desajustamento moral da sociedade -, 2- lutar contra a desigualdade de desenvolvimento econômico, político, social e educacional em relação ao litoral, sempre beneficiado por investimentos públicos e privados em detrimento do interior.

Nesse contexto é que é possível compreendermos os discursos veiculados pela revista que colocavam em destaque o que foi considerado, desde princípios do século XIX, como uma de suas singularidades. Dessa forma, a repetição e regularidade dos discursos e representações da serra e do vale do Cariri como “tapete de verdura”, “cannan em terra seca” e correspondentes (re)inventavam sentimentos de pertencimento à região, o que significa dizer, de identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Nos destinos de fronteira. História, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

BONATO, Tiago. Construindo a paisagem da América Portuguesa. In: SALES, Jean Rodrigues et al. *Região: espaço; linguagem e poder*. São Paulo: Alameda, 2010, pp.219-233.

CARVALHO, José. Ao Araripe. In: *Páginas escolhidas de um escritor cratense*. Revista Itaytera. Crato: Tipografia Imperial, ano I, nº 1, 1955, p.97.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2^a Ed. 1996

CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato (1889-1960). Rio de Janeiro, 2000, Dissertação de Mestrado.

FEIJÓ, João da Silva. Memória sobre as antigas Lavras do Oiro da Mangabeira da Cappitania do Siará. In: *Memória sobre a capitania do Ceará e outros trabalhos*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, edição fac-similar.

- FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Typographia Econômica, 1887, Tomo I, pp.209-432. Disponível em: <<http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/Rev-apresentacao/RevPorAnoHTML/1887indice.html>>. Acesso em: 30/12/2010.
- GARDNER, George. *Viajem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1975.
- MARQUES, Roberto. *Contracultura, tradição e oralidade. (Re)inventando o sertão nordestino na década de 70*. São Paulo: Annablume, 2004.
- MENEZES, Luiz Barba Alardo de. Memória sobre a capitania independente do Ceará. In: *Documentação primordial sobre a Capitania do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, edição fac-similar.
- OLIVEIRA, Almir Leal de. O cariri na cultura histórica do XIX. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al. *História da educação – vitrais da memória. Lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: Ed. UFC, 2008, p.418-431.
- _____. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Memória, representações e pensamento social (1887-1914)*. São Paulo: PUC, Tese de Doutorado, 2001.
- PAULET, Antônio Jozé da Silva Paulet. Descrição geográfica abreviada da Capitania do Ceará. In: *Documentação primordial sobre a Capitania do Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997, edição fac-similar.
- PINHEIRO, Irineu. *O Cariri, seu descobrimento, povoamento e costumes*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009, edição fac-similar.